

CARLA CAMURATI

A maior crise do cinema nacional não deixou nada no lugar.

O fim súbito da Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S. A.), ocasionado pelo governo Collor, causou uma trágica comoção que afetou a produção, talentos e sonhos da cadeia cinematográfica brasileira, momento em quase nada se produzia.

Neste cenário, ressalta-se a presença de Carla Camurati que, em sua atuação como diretora, produtora e roteirista, emerge a sétima arte e um momento crucial: a retomada do cinema brasileiro.

Neta de italianos, Carla Camurati nasceu no Rio de Janeiro, na década de 60. Sua mãe Ana Maria Manhães de Andrade e seu pai Sérgio Antônio Camurati, separaram-se quando Carla ainda era jovem, aos 10 anos de idade, momento em que Carla foi morar com os avós maternos.

A relação da jovem com a família percorria por diversos conflitos. A mãe, ainda jovem quando a teve, ainda passava por experiências profissionais e amorosas que a distanciavam da filha e, por vezes, a avó assumia esse papel maternal para com a pequena Carla.

Com o pai, a relação transitava entre dois polos opostos: quando estava sóbrio, ele lhe dedicava momentos excelentes em sua companhia, contudo, em momentos de embriaguez, o convívio se tornava insuportável, levando-a a mergulhar em análises para conseguir lidar com tal situação.

Ao contrário de muitas diretoras e produtoras, Carla não viveu uma inserção imediata no meio artístico ou, pelo menos, com influências desde jovem. Seu trabalho, por boa parte da vida, se deu em um universo muito distante de qualquer relação com o cinema.

Em seus primeiros anos de escola estudou na rede pública de ensino, no qual é categórica ao afirmar que essa experiência lhe foi bastante útil para aprimorar sua relação com diversos meios sociais. Aos nove anos de idade já assumia responsabilidades com entrega de produtos comercializados pela avó, depois, aos 13 anos, teve experiência profissionais como auxiliar de professora, além de ter sido recenseadora do IBGE e vendedora em lojas. Em momento posterior, cursou Biologia, sendo que, na reta final do curso, foi professora de artes para crianças.

O esforço profissional e intelectual por Carla empreendido tinha objetivo bem definido: demonstrar valor e competência para muito além de sua aparência estética, impregnada de padrões europeus, cujos traços atraíam atenção por onde passava.

À primeira vista, tais características possam fazer deduzir satisfação. Todavia, Carla alega ter sofrido com tal condição, pois suas habilidades intelectuais eram sempre deixadas em segundo plano, por vezes até totalmente ignoradas em detrimento de sua aparência física, o que lhe causava muito desgosto.

Era tanta frustração que se abatia sobre a menina, que chegou a raspar as sobrancelhas e cabelos, em uma crise de identidade, pois não se sentia pertencente ao corpo que habitava. A herança estética lhe pesava como um fardo, era como estar condenada a uma prisão.

Tais sentimentos levaram Carla Camurati a declarar a adolescência como a pior fase de sua vida. Todas as angústias, crises, somadas aos conflitos com os pais e insegurança sobre seu futuro, levaram-na a decidir que jamais voltaria a viver esta fase outra vez.

Foi em um desses momentos de profunda autorreflexão, que a jovem Carla percebeu que os caminhos que tomara para sua vida, até então, não satisfaziam suas ânsias ou não conquistaria a tão sonhada completude. Assim, diante de uma decisão precipitada, embora assertiva, abandonou a faculdade de Biologia para tentar um curso de Teatro.

Foi com essa esperança de algo novo que Carla Camurati deu as costas para a vida que havia traçado até então, para ingressar no universo artístico, em busca de um caminho mais compensador para suas ânsias, pelo menos.

Ao final da década de 70, Carla iniciava sua carreira como atriz no teatro e na televisão. Época, também, em que se relacionou com seu primeiro marido, o cantor e compositor Zé Renato, que juntos viveram por 4 anos.

Sua estreia no Teatro se deu com a peça infantil Parabéns pra Você, em 1978, onde compartilhou o palco com grandes artistas como Cazuza, Pedro Cardoso e Bebel Gilberto. A peça foi fruto do trabalho desenvolvido pela turma do curso de Teatro.

A artista se encantava pela forma como as produções no Teatro se desenvolviam, a partir de uma única perspectiva, além da possibilidade de improvisos que torna a experiência desafiadora e instigante.

Carla inaugurou seu período na televisão de forma exitosa na emissora Rede Globo, no qual atuou contracenando com Antônio Fagundes, em um episódio da série Amizade Colorida, em 1981. Embora Carla tenha sido relutante em atuar na televisão, em razão do preconceito que o Teatro tinha para com o meio, o retorno financeiro tornava a experiência interessante, uma vez que as produções televisivas estavam a todo vapor, com vultuosos empreendimentos.

Seu trabalho de atriz na televisão rendeu a participação em sete novelas, quatro séries e minisséries, além de outras participações em episódios ou especiais, entre os anos de 1981 a 1992.

Sua primeira participação em novela se deu em Brilhante, de 1981, com o diretor Daniel Filho, no qual foi convidada para substituir a atriz Nádia Lippi, na personagem Soninha Newman, mulher feminista, inteligente, que buscava independência financeira.

No mesmo ano, estreou no cinema com atuação em O Olho Mágico do Amor (1981), longa-metragem de José Antônio Garcia, com direção de Ícaro Martins, no qual interpretava Vera Gatta, cuja trama retrata a estória de uma garota que, a despeito da aparência ingênua, guardava várias fantasias eróticas. O enredo, de início, que causou estranheza à atriz, por nunca ter interpretado cenas de nudez antes, contudo conseguiu desenvolver tão bem o papel, que o filme foi bem conceituado pela crítica, apesar da produção doméstica.

Para Carla, visualizar-se na grande tela sempre era uma experiência com muitas autocríticas, regadas pelos momentos em que as memórias dos conflitos com seu corpo, que por muitos anos a acompanharam, se faziam presentes, espinhando e causando desconforto, o que fazia com que o prazer gerado pela atuação fosse de “fazer e não de se ver”.

A atuação no cinema sempre foi a grande paixão da atriz. A relação com as câmeras, a projeção das imagens, além da liberdade de atuação, que não encontrava nos trabalhos em novelas, pois tinham um caráter mais comercial e minimamente calculado.

Devido ao sucesso da personagem Vera Gatta, José Antônio e Ícaro Martins produziram alguns personagens especiais para Carla, a exemplo de Rita, do filme Onda Nova (1983), que não causou

uma experiência agradável para a atriz, ocasião que gerou desentendimentos com o diretor José Antônio.

Também atuou na novela Sol de Verão, de 1982, momento em que atriz interpretou a personagem Olívia, e que deu início a uma grande amizade com Toni Ramos. No ano seguinte deu vida à personagem Bárbara na novela Champagne (1983), no qual novamente dividiu as cenas com Antônio Fagundes, trabalho este que marcou a carreira de Carla, pois, a partir daí, sua relação com a teledramaturgia se estreitou, fazendo a atriz tomar gosto pelo trabalho na televisão.

Seu próximo trabalho foi Livre para Voar, de 1984, onde interpretou a personagem Bebel. A atuação desafiou temores antigos, pois a personagem tinha um perfil intelectual reduzido e consistia em, basicamente, causar gafes, ser humilhada, a fim de atrair a atenção do público, características que Carla sempre temeu na vida pessoal. Contudo, o papel se consagrou como o maior sucesso da atriz na televisão.

A relação entre Carla e diretor José Antônio Garcia foi enfim restaurada, momento em que o casal iniciou um breve relacionamento, porém período de construção de fortes laços de amizade entre ambos, que perduram até os dias atuais. Carla e José Antônio se identificavam pelo fascínio literário, principalmente pela escritora Clarisse Lispector, cujas obras compartilhavam nas noites a dois e inspiravam trabalhos.

Tais experiências permitiram o desenvolvimento de mais um projeto do casal, com atuação de Carla no filme Estrela Nua, de 1985, cuja inspiração foi justamente Clarisse Lispector, além do escritor Nelson Rodrigues. A execução do trabalho foi muito prazerosa e exigente para Carla, no qual teve que, mais uma vez, transpor desafios, dessa vez o pudor na famosa cena em que a atriz, na personagem Glorinha, apara os pelos pubianos, para fumá-los em um cigarro.

No ano seguinte, a atriz atuou em Cidade Oculta (1986), filme de Chico Botelho, cuja personagem Shirley Sombra deu à Carla a oportunidade de acrescentar alguns talentos a sua carreira de atriz: o canto e a dança. As produções do filme eram sempre noturnas, o que fazia com que toda a equipe de filmagens, inclusive a atriz, tivessem que trocar o dia pela noite, o que causou estranheza nos hábitos. Como resultado, a produção do longa ficou primorosa.

Ainda com José Antônio, Carla atuou no filme O Corpo, cujo lançamento se deu apenas no ano de 1991 e, embora tenha sido ganhador de 6 prêmios, o filme foi um fracasso de bilheteria, o que instigou a atriz a assumir a direção e produção de seus próprios filmes, uma vez que, segundo ela, era preferível ela mesma cometer tais falhas capazes de fracassar o lançamento de um filme, do que ver seu árduo trabalho sendo desperdiçado nas mãos de terceiros.

Depois do período de trabalhos consecutivos, Carla Camurati retornou à televisão em 1988, com a novela Fera Radical, onde interpretou Marília Orsini, cuja construção da personagem foi trabalhoso para a atriz, pois suas características de mulher elitizada e disposta a usufruir com exagero de seus privilégios destoavam muito do que Carla buscava ser.

Carla Camurati desenvolveu, também, alguns trabalhos em fotonovelas para a revista sétimo céu, como Amor inconsequente e Escolha do destino, ainda no início da década de 80.

As fotonovelas compunham um gênero de estórias em quadrinhos muito popular na segunda metade do século XX, com a diferença de que eram fotografias de atores e atrizes que desenhavam as cenas, enquanto o enredo era narrado. O mercado das fotonovelas foi consagrado por mais de 25 anos no país.

Ainda na década de 80, após seu relacionamento com Zé Renato, Carla se envolve com ator, roteirista e diretor Paulo José, com quem viveu por 4 anos e por quem desenvolveu um forte afeto e admiração, mesmo após o término. Carla e Paulo trabalharam juntos na minissérie *O Tempo e o Vento*, de 1985, no qual ele dirigia e ela interpretava a personagem Luiza.

Na emissora SBT, a atriz ainda desenvolveu 2 trabalhos: a novela *Brasileiros e Brasileiras* (1990) e o especial *O Grande Pai* (1991), a convite do escritor e diretor Walter Avancini, com o qual Carla Camurati expressou grande satisfação e apreço pela parceria.

Sua carreira televisiva apontava para o fim, quando Carla demonstrava insatisfação com o meio, mesmo tendo se consagrado com grandes papéis e já contar com ótimos ganhos, Carla não se sentia disposta à continuar com a carreira.

Aponta que o processo industrial da teledramaturgia, motivado pelas novelas, engessava sua desenvoltura, sobretudo em razão das inúmeras câmeras e direções, que dificultavam uma execução mais elaborada, que desfrutasse mais de suas habilidades.

Ainda participou da novela *Pacto de Sangue*, no ano de 1989, no qual Carla deu vida à personagem Aimeé, que vivia um romance com o personagem do ator Carlos Vereza. As obras que marcaram essa fase final na televisão foram *Delegacia de Mulheres* (1990), *Fronteiras do Desconhecido* (1991) e, por fim, *O Grande Pai* (1991/1992).

Em 1988 desenvolveu um cativante trabalho na personagem Pagu, heroína do filme *Eternamente Pagu*, de Norma Benguell, com quem Carla demonstra muito prazer em trabalhar. A atriz conta que o envolvimento de toda a equipe era muito positivo e que a diretora sabia conduzir muito bem as cenas, o que motivou Carla a mergulhar intensamente no universo da personagem e lhe gerou experiências marcantes.

Neste meio tempo, Carla Camurati ainda participou de peças teatrais, como *Drácula* (1986), de Gianni Ratto, trabalho que foi necessário para a atriz, pois sua ligação com o teatro era grande e ela já estava a alguns anos apenas em produções de televisão e cinema.

Neste trabalho Carla conheceu o ator Thales Pan Chacon, com quem teve o relacionamento mais duradouro de sua vida, somando 12 anos de parceria conjugal. O fim trágico da união se deu em razão da morte do ator por pneumonia, em razão de ter contraído o vírus HIV.

Ainda em sua carreira teatral, Carla atuou na peça *Batom e Paraquedas* (1990), de William Mastrosimone, na qual fazia uma garota com sinais de autismo, que se apaixonava por um caminhoneiro, vivido por Antônio Grassi. No ano seguinte a atriz fez *Cartas Portuguesas*, de direção de Bia Bessa, sendo esse o trabalho que ela aponta como o mais belo e radical de sua experiência no teatro.

O trabalho de atriz, que precedeu suas primeiras produções, foi longo e lhe rendeu reconhecimento, fama e, principalmente, muita experiência, que seriam aplicadas em seus

brilhantes trabalhos diretivos mais à frente. A carreira de diretora e produtora de Carla Camurati se deu de forma empírica, informal e muito intuitiva, a partir das próprias vivências e observações no meio artístico.

Sua estreia como diretora e produtora ocorreu com o curta-metragem *A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal*, de 1987, no qual também atuou. O filme foi baseado na fábula *Passionela*, de Jules Pfeiffer, cuja autorização se deu com o próprio autor da obra e que lhe rendeu vários prêmios.

A produção contou com Chico Botelho, na produção Executiva, Zé Bob na fotografia e Renata Bueno na pesquisa de locações, além de contar com a contribuição de José Antônio Garcia no roteiro. Do elenco participou, também, Thales Pan Chacon e Sérgio Mamberti.

Carla conta que a ausência de recursos para investimentos maiores fez com que sua abordagem utilizasse com uma estilização atípica, mas com muita clareza de intenções que lhe rendeu o gosto pela experiência da direção. A desenvoltura em situações críticas acompanhou Carla em quase toda sua carreira à frente de produções cinematográficas.

Posteriormente, dirigiu o documentário *Bastidores* (1990), o qual retratou a polaridade entre palco e backstage da peça *O Mistério de Irmã Vap*, comédia do americano Charles Ludlam, dirigida por Marília Pêra, que ficou durante 11 anos em cartaz nacional. O curta dirigido por Carla buscava retratar dinâmica entre os dois mundos do teatro.

Sua maior e mais marcante produção se deu com o longa-metragem *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, lançado em 1995, contudo, planejado desde 1991. Carla Camurati estudava retratar algum momento da história do Brasil que fizesse um enlace com os momentos contemporâneos, o que deu a ela a clareza de produzir um material que retratasse a vinda da família real ao Brasil.

Carlota Joaquina foi produzido em um período de escuridão para o cinema nacional, uma vez que o presidente Fernando Collor de Mello empenhava ações para fechamento da Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme), o que prejudicava toda a cadeia cinematográfica nacional. Foi um período que apenas Sérgio Rezende estava filmando sua produção *Lamarca*.

Diante do trágico cenário, a diretora expressava desgosto e se sentia injustiçada por ter que experimentar tal decadência justamente no momento em que pretendia produzir seu primeiro longa-metragem. Contudo, tais perspectivas não desanimaram seus projetos.

A obra de Carla Camurati marcou um período espetacular para o cinema brasileiro, que foi a retomada e seu reaparecimento com louvor, com uma obra que arrebatou espectadores e bilheteria, além de alçar a carreira da diretora a um outro patamar de qualidade.

O filme foi gravado com muitas dificuldades e, inicialmente, raros patrocinadores. Algumas filmagens foram feitas em São Luiz, capital do estado do Maranhão, em razão do apoio do Secretário de Turismo do estado. Este apoio abriu as portas para outros patrocinadores estatais, como a Petrobrás, sendo esta a primeira obra patrocinada pela empresa.

O elenco contou com a atuação de grandes nomes como Marco Nanini e Marieta Severo, contudo, em razão dos baixos investimentos, as gravações foram difíceis, exigindo muita garra e empenho de toda a equipe. Carla relembra que, apesar de todas as dificuldades encontradas, sentia muita energia para gravar o filme que, ao final, acabou rendendo 10 vezes mais que o valor investido, com milhões de ingressos vendidos em todo o país.

Carla ampliou seus horizontes em produções ao dirigir, também, Óperas, na década de 90. A primeira foi *La Serva Padrona*, ópera de Giovanni Battista Pergolesi no Teatro Sesi Minas, tendo sido convidada pelo próprio SESI Minas para o desenvolvimento do trabalho. O convite foi muito bem recebido pela diretora, uma vez que idealizava atuar na direção de uma Ópera, pois sempre apreciou a arte. Dirigiu, ainda Carla a tragédia *Madama Butterfly*, de Puccini (2002), *Carmen*, de Bizet (2001), em 2003 *O Barbeiro de Sevilha*, de Giacchino Rossini, e em 2007 *Rita*, de Gaetano Donizetti.

A partir de um período de vivência no bairro Copacabana, Carla percebeu que um contraste entre os pioneiros idosos, que ali ainda residiam, com o crescimento urbano, associado ao fluxo cosmopolita do lugar, tais reflexões levaram a diretora a produzir outra grande obra: *Copacabana*, de 2001.

Através do filme, Carla procurou retratar as relações que acontecem no bairro, a partir de moradores idosos, amigos, além de toda a diversidade com prostitutas, meninos de rua, uma mistura que transita de manifestações sociais do clássico ao contemporâneo.

Em 2004, já com o filho Antônio, fruto de seu relacionamento com João Jardim, Carla deu início ao projeto de transformar a peça teatral *O Mistério da Irmã Vap* em uma produção cinematográfica, com a contribuição de Melanie Diamantas e Adriana Falcão no roteiro.

O filme, que levou o nome de *Quem Tem Medo da Irmã Vap* e contou com elenco de Thiago Fragoso, Marcos Caruso, Leandro Hassum, Diogo Vilela, Marieta Severo, recebeu muitas críticas negativas, além de uma reduzida bilheteria.

Através do convite do diretor Marcus Vinícius Cezar, Carla assumiu a produção executiva da Copacabana Filmes e Produções, cujas produções foram *Janela da Alma* (2002), com direção de João Jardim e Walter Carvalho, além de *Espelho d'Água – Uma Viagem ao Rio São Francisco* (2004), com direção do próprio Marcus Vinícius Cezar.

Cabe ressaltar, também, a realização da primeira edição do Festival Internacional BR de Cinema Infantil, um projeto que atendeu mais de 60 mil crianças e patrocinada pela Embratel e a Prefeitura do Rio. Além de ter perpassado pelos espaços da Academia Brasileira de Cinema, onde assumiu o posto de tesoureira.

Ao longo de seu trabalho Carla Camurati fez questão de se impor como figura feminina, de modo a não se desfazer de sua identidade para impor mais respeito. Sempre priorizou o uso de vestidos nos bastidores, além de ressaltar uma postura mais delicada.

Sua longa carreira reflete positivamente até as atuais experiências no cinema, que traz como herança o trabalho de uma mulher brilhante, competente, persistente e extremamente habilidosa.

REFERÊNCIAS

<http://www.facha.edu.br/pdf/monografias/20032063.pdf>

<http://www.periodicos.usp.br/comeduc/article/view/36180>

http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/seminario/anais%201/Jean_Houllou_Raquel_Venera.pdf

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/15084936824724476176112691235035068288.pdf>

http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277781616_ARQUIVO_Apresencafemininanocinemabrasileironosanos2000_MODELOFAZENDOGENERO.pdf